



DOUTOR STILTON, DEVO DIZER-LHE...

Naquela manhã, entrei no escritório de excelente humor...

– **Hop!** – guinchei, atirando o chapéu para o bengaleiro.

– **Olé!** – acrescentei, livrando-me do sobretudo com um floreado.

– **Oplá!** – concluí, deitando de passagem a mão a uma chávena de café.

– Doutor Stilton, **devo dizer-lhe** – exclamou a minha secretária, tentando fazer-me parar.

Mas eu tinha já a pata no puxador da porta e **abri-a**. À minha mesa de trabalho estava sentado um outro.



TORCATO VIRAVOLTA

Enraizado na (**minha**) mesa como se tivessem sido construídos juntos, **encastrado** na (**minha**) cadeira como se o tivessem aparafusado aos braços, aferrado ao (**meu**) **COMPUTADOR**, com uma pata grudada ao (**meu**) auscultador e a outra engançando a (**minha**) agenda...

... estava um **grande** rato, de pelagem cinzento-prateada, com sobranceiras ramalhudas e umas lunetas de aço que lhe brilhavam na ponta do nariz. O meu Avô!



O meu Avô, Torcato Viravolta, apelidado **PANZER**, o fundador da casa editora!

– Aaaa, Avô – guinchei. – Como está?





COMO QUERES QUE ESTEJA?

– *Como queres que esteja?* – replicou ele. – *Tenho que fazer, estou a trabalhar!* – resmungou ainda. Depois, colou a boca ao telefone e berrou lá para dentro (provavelmente ensurdecendo o infeliz que estava do outro lado):

– Sim, ratazelho, *três*, eu disse três! Três, *t-r-e-s* com chapelinho no e! Três! Trêêês! Tens de me imprimir **3** milhões de guias turísticos do Ratiquistão, portanto, vê se te mexes. E eu disse três, três, três! *Trêêêêêêêêêês!*

T de **'Tou-te a dizer!**

R de **Resolve** isso e não te armes em parvo!

Ê de **Ênfase** na rapidez e nada de discutir!

S de **Senão**, nem sabes!

- Tenho que fazer, estou a trabalhar!





E ainda acrescentou:

– Ratazelho, desentope-me essas orelhas, que devem estar *cheias de queijo!*

O pobre respondeu qualquer coisa e logo o Avô berrou para o telefone, como se quisesse mordê-lo:

– **MAS É QUE NEM POR SOMBRASI**

Depois pregou com o auscultador na base e rosnou:

– **GRUNFFF**, já não sou o tipógrafo que era.

Engoli em seco e disse num fio de voz:

– Avô, que fazes tu aqui? E, desculpa estar a meter-me no assunto, mas o que vais fazer com três milhões de guias turísticos do Ratiquistão?

Não me ligou nenhuma e remexeu nos papéis que estavam na (*minha*) mesa de trabalho, garatujando com a (*minha*) caneta na (*minha*) agenda. Bufou:

– *Está tudo errado, é tudo pra fazer de novo!*

Nesse momento, entrou a (*minha*) secretária, com um contrato (*para mim*).



Ele berrou ainda com mais força (de tal maneira que lhe avistei as amígdalas por entre os incisivos):

– *Está tudo errado, é tudo pra fazer de novo!*

Rasgou o contrato, amachucou-o, fê-lo numa bola. Depois, com um salto mais felino que rascoteiro, **pulou** para cima da mesa e, com um pequeno **taco de golfe** de bolso, enfiou a bolinha

no cesto dos papéis.

– Sou muito bom, hem?

– disse, com um risinho de satisfação, piscando-me o olho.

Eu e a (**minha**) secretária

olhámos um para o outro de boca aberta.

– **Crise** – bufou ele –, é a **crise** na edição!

– Ó Avô, a editora está **ÓTIMA!** – tentei protestar.

Franziu as sobrancelhas, que ficaram ainda mais ramalhudas.

